

25 de setembro de 2005
Diários históricos

Em Joaquim Nabuco, sem dúvida, se completam o homem, a obra literária e o discurso político.

Todos esses valores, cada vez mais, recebendo, com méritos, a consagração e as homenagens da história.

Razão, com certeza, tinha o mestre Gilberto Freyre quando, escrevendo a nota introdutória ao livro - Minha Formação - observou que "Joaquim Nabuco foi decerto o primeiro homem público brasileiro a descobrir-se com a própria mão de grande escritor".

Agora, num sério, valioso e solene estudo, com prefácio e apontamentos do historiador Evaldo Cabral de Melo e metódica organização da escritora Lélia Coelho Frota e apresentação de Fernando Lyra, as editoras Bem-Te-Vi, Massangana e a Fundação Joaquim Nabuco entregam, ao universo da leitura, Joaquim Nabuco - Diários, coletânea de textos, sentenças, observações de viagem e visão do mundo.

Cediço, pois, o entendimento que Nabuco foi um cidadão do mundo.

O múltiplo e polivalente pernambucano era um assumido apaixonado por viagens, tanto que certa vez, indagado quais os livros de sua predileção, respondeu, categórico, que eram "os meus Baedeker", numa alusão aos mais celebrados manuais de turismo do século XIX, na Europa.

Pois bem, esta experiência cosmopolita deu-lhe condições para reflexões, meditações, pensamentos, sobre o destino do Brasil no concerto das nações.

Culto, refinado, elegante, os Diários, que escreveu, tinham um desenho heterodoxo.

A temática, assim, era ambivalente.

Pugnava, por exemplo, por padrões civilizados e modernos.

Era, conscientemente, um homem de vanguarda, provado quando pediu ao Papa Leão XIII uma encíclica que condenasse a escravidão.

Dentro desta mística de modernidade, encantou-me, nestes Diários, o período em que serviu como adido nos Estados Unidos, pelos questionamentos filosóficos que passou a desenvolver.

Neste tempo, entre 1876 e 1877, ele incursiona, investigativo, pelo mundo da teologia, dos mistérios da morte, das tramas de cupido e outros achaques existencialistas.

É dele, pois, a arguta sentença segundo a qual "o ateísmo pode ser uma convicção pessoal; mas é um crime querer propagá-lo. O Mundo não vive pela verdade só. As ilusões são necessárias ao homem porque o bem é difícil".

Depois, anteviu o ciclo da globalização, quando observou que "o telégrafo, pondo o Mundo todo em contato, desenvolve muito a solidariedade".

Os Diários guardam cerca de 3.800 manuscritos que precisam ser lidos, refletidos, discutidos, analisados, saídos, realmente, de um gênio da raça, que escreveu uma das páginas mais afirmativas da consciência nacional: o combate à nódoa da escravidão.